Ano II — Lisboa, 1 de Dezembro de 1946 — N.º 20

SEMPRE PRONTO

NÚMERO AVULSO 1$00
Assinaturas de 8 números... 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

Propriedade do Grupo N.º 94 dos Escoteiros de Portugal

MENSÁRIO

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

Sorrir às dificuldades

Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá — e há-de passar; e nada vos será impossível.

JESUS CRISTO

O escoteiro está sempre alegre e bem disposto é a versão portuguesa do 7.º artigo da Lei do Escoteiro. Não foi feliz tal versão, porque tomada à letra significa o impossível e destinando-se, como se destina, a crianças e adolescentes, deveria ter um sentido claro e fácil de apreender. Teria sido preferível uma tradução mais literal do inglês — *o escoteiro sorri e assobia quando encontra uma dificuldade.*

Há momentos na vida em que é impossível estar alegre, bem disposto e se é preceito cristão *alegrarmo-nos com os que se alegram e chorar com os que choram,* que o mesmo é dizer sentir as alegrias e as tristezas alheias, poderia ser falta de caridade a manifestação de alegria quando sofrem os que nos cercam.

Mas não foi esse o pensamento de Baden-Powell. *Sorrir e assobiar perante as dificuldades* é não deixar que as contrariedades, os desgostos, as horas amargas nos vençam. É manter espírito levantado quando tudo ao nosso redor parece sossobrar, é a vontade firme de resistir, ainda mesmo que as lágrimas traiçoeiramente saltem dos olhos, é o desejo de lutar, de vencer toda e qualquer dificuldade.

Sorrir nas dificuldades não é insensibilidade perante a dor própria ou alheia, mas a disposição de espírito que leva o homem não só a não se deixar vencer pela desdita, mas ainda a servir de esteio àqueles que na procela da vida estão prestes a naufragar. Não há Boa Acção mais própria do escoteiro do que aquela em que ele surge carinhosamente a confortar e a estimular os que sofrem ou estão em dificuldade.

Nos negros dias de 1940 os olhos do mundo estavam postos na Inglaterra. A guerra aérea — a *blitz* — que tinha sido prevista com as mais negras cores, estava em pleno desenvolvimento sobre Londres e outras cidades britânicas. Bombas sobre bombas, incêndios, devastações, mortos, feridos, *sangue, suor e lágrimas.* Parecia que a vida se tornava insuportável em tal meio e como a sorte das armas estava sendo desfavorável ao povo inglês, que se via sòzinho na luta, todos esperavam que ele desanimasse e sucumbisse.

Porém este povo *sorriu perante a dificuldade.* Não tinha motivo para *estar alegre,* mas pôde dobrar os joelhos e pedir o auxílio de Deus, pôde sorrir e assobiar, manter o ânimo e a Fé, entretanto reunia energias para enfrentar o perigo e em tempo oportuno teve a merecida vitória, que nunca teria sido alcançada sem ânimo forte.

E' esta a melhor figura que podemos encontrar para o 7.º artigo da nossa Lei. Quando nuvens negras se amontoam sobre nossas cabeças, dificuldades surgem como montanhas, o escoteiro deve *sorrir e assobiar.* Não é o sorriso alvar da inconsciência, mas o sorriso confiante da Fé no Deus Supremo, atitude que despertará em nós a energia suficiente para lutar, para vencer, para escalar as mais íngremes montanhas.

É que sorrir tem ainda acção higiénica. Segundo opinião médica *o riso liberta emoções que mediante o sistema nervoso simpático produzem uma descarga que faz variar as reacções psicológicas do indivíduo.*

* * *

E se isto é possível nos transes tão difíceis da nossa vida, porque

(Continua na 6.ª página)

Algumas reflexões

a propósito do último exercício do Núcleo de Lisboa

O exercício efectuado na Tapada da Ajuda em 27 de Outubro último, suscitou-nos algumas reflexões que desejamos explanar, no desejo construtivo de contribuir para um melhor aproveitamento das actividades.

Queremos, porém, frisar antecipadamente que nos não move qualquer intuito de censura para quem esforçadamente, no Núcleo e nos grupos, procura realizar obra útil, vencendo a inacção a que o escotismo tinha sido votado na Capital.

Patrulhas seleccionadas

Talvez por o programa do concurso ter sido anunciado com matéria muito complexa e excessiva, alguns grupos, em vez de apresentarem as suas verdadeiras patrulhas, concorreram com selecções dos seus escoteiros.

É possível que tal medida possa ter servido para que tais pseudo-patrulhas tivessem conquistado uma melhor posição, porém, os dirigentes têm o dever de olhar mais longe que a classificação obtida em qualquer concurso ou actividade.

Desagregadas as patrulhas, as unidades seleccionadas não têm personalidade e os seus componentes, não se encontram unidos através da vida em conjunto. A posição conquistada não fica pertencendo aos «louros» da patrulha e foi perdido o estímulo que tal emulação podia ter proporcionado para um aperfeiçoamento das aptidões da unidade, no sentido de procurar conquistar, no futuro, melhor prémio ou classificação.

É do maior interesse que as patrulhas tomem parte em todas as actividades com o seu próprio efectivo, afim de criarem e robustecerem a sua personalidade, fomentarem a camaradagem entre os seus membros, a disciplina para com os guias, numa palavra, para que possam fortalecer o «espírito de patrulha», que será a força que agregará os escoteiros e os levará a trabalhar com maior afinco para manter a vida e o prestígio da SUA patrulha.

Guias seniores de patrulhas juniores

Outro facto, e este até permitido por disposição regulamentar, que julgamos prejudicar o harmónico trabalho das patrulhas juniores, é estas serem dirigidas por seniores. As patrulhas devem ser constituídas por rapazes, tanto quanto possível, de idades e tipos semelhantes, para que se possa estabelecer entre eles identidade de pensamentos e, sobretudo, unidade na maneira de sentir e de agir. O júnior, como não pode deixar de ser, tem características próprias da idade, e o guia, muito embora escolhido por revelar mais qualidades de comando, espírito de

(Continua na 2.ª página)

1-XII-1640

MANHÃ DE LUZ

I

A toda a gente pareciam estranhas as maneiras tristes daquele velho. De longa barba branca, alquebrado, a pele lavrada de rugas, o homem vivia a custo do seu ofício de tanoeiro. Não se lhe conhecia família. Pouco conversava e quando o fazia, era só a desfiar recordações. Entrara com dezoito anos na batalha de Alcácer-Quibir e contava em frases repassadas de emoção como caíra para sempre o cavaleiro de Deus, depois de ter quase recebido o sorriso da vitória e conquistado duas bandeiras às hostes muçulmanas. A custo salvo da morte, fora feito prisioneiro pelas mesnadas inimigas e resgatado um ano depois. Aos vinte anos, tomara parte na batalha da Ponte de Alcântara, em que fora amortalhada a Pátria e enquanto o Prior do Crato abalava para o exílio, ele recolhera, desalentado, à sua casa da rua dos Mercadores. Por vezes, encontravam-no dizendo frases aparentemente sem nexo:

— Ele há-de vir entre nevoeiros... E, então, Deus ajudará o seu povo.

Os populares pasmavam ao vê-lo, mas riam diante das suas palavras de místico. Os anos foram rodando, os traços iam-lhe sulcando o rosto outrora viçoso, a barba negra polvilhava-se de brancuras, a estatura erecta curvava-se para as lages e sòmente nos seus olhos havia o mesmo brilho, a chama altíssima de uma fé de que ninguém compartilhava:

— Há-de surgir de repente um rei. E os nossos hão-de dar fim ao tirano...

Calava-se, imerso em recordações. De manhã, antes do sol nascer o velho ia até aos Paços da Ribeira, ver a faina dos marujos, o voar das gaivotas, o vai vém das águas barulhentas. Mas, através da sua tristeza, via desânimo nos rostos tisnados dos embarcadiços e até o adejar das aves e o marulhar das águas lhe pareciam fúnebres.

Naquela madrugada de Dezembro, ele sentia como que uma esperança a subir-lhe ao coração em catadupas. Terminaria o seu sofrimento de sessenta anos? Ouvira dizer, muito em segredo, na véspera, que uma criada de D. Antão Vaz de Almada confidenciara a um escravo que fora a casa de uma senhora cujo marido estava preso:

— Dize-lhe que não se aflija, porque amanhã o senhor D. Antão vai, com outros fidalgos, matar Miguel de Vasconcelos e que logo será solto o esposo dela.

Seria verdade? Às vezes, o desânimo apoderava-se dele. Outras revoltas já tinham havido, no intuito de alçarem rei um português. Mas os castelhanos afogavam em sangue esses anseios de liberdade.

Rei português! E à sua memória, contemplando abstracto a esmeralda do Tejo, surgiam os tempos de seus avós, cento e tal anos antes. Estava-se em plena loucura do ouro. Quem andasse nas ruas só ouvia falar nas minas de Sofala, nos miticais de Quiloa, nas riquezas do fabuloso Prestes João. De todos os lados da Europa, vinham os mercadores flamengos e alemães, fazer tinir o ouro. A Itália, a cujos cais de Veneza e Génova, aportavam vazias as galés do Levante, olhava-nos com inveja. Ouvia-se os dobrões tilintarem, maviosos, na Casa da Índia. Chamavam a el-rei o senhor da gema de ouro do mundo. Naquele mesmo paço onde agora os marujos se acotovelavam tristes, mercadejaram, com galas de espantar, banqueiros e mercadores, com as escarcelas a abarrotar de dobrões, as samarras cintilando de pedras, enquanto, perto deles, se amontoavam, a oferecer-se, os caixões de laca e os fardos, ante a vozearia do poviléu.

E enquanto na praça se acumulavam os marchantes, todo o resto da gente trabalhava na obra da expansão. Os sábios debruçavam-se nas cartas; os astrólogos liam no céu os destinos da caravela que baloiçava no rio, ao canto dos gageiros; embrulhavam os padres a roupeta e liam o catecismo. Os militares esperavam batalhas; preparavam as naus os carpinteiros e mesteirais, enquanto pelos arquitectos eram traçadas as fortalezas de além-mar.

E, no desfile das suas reminiscências, o velho relembrava as modificações que a agricultura havia sofrido. Nas obras literárias entravam termos náuticos, botânicos e geográficos. Apareciam livros de viagens, poesias consagradas a aventureiros. Novas imagens invadiam o mundo das letras: João de Barros chamava «campo de flores» ao Tejo polvilhado de naus. Em tudo se pressentia a alma do mar, a alma do piloto que calcula distâncias, escuta as águas e mira as alvoradas e poentes.

(Continua na 3.ª página)

GRUPO N.º 53

Comemorações do 13.º aniversário da sua fundação

PROGRAMA

Domingo — Dia 1, às 11 horas

Culto de Acção de Graças no Templo da Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, dirigido pelo Rev. António Pinto Ribeiro Júnior.

às 16 horas

Sessão Solene com Palestra pelo Ex.mo Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo. Visita à Sede e inauguração de uma dependência.

Quarta-feira — Dia 4, às 21 horas

Chá de Confraternização dos ex-Escoteiros.

Sexta-feira — Dia 6, às 21 horas

Chá de Confraternização dos Sócios Auxiliares e Famílias dos Escoteiros.

Domingo — Dia 8, às 9 horas

Encontro de Voleibol com o Grupo n.º 2, no campo do Ateneu Comercial de Lisboa.

às 13 horas

Distribuição de um almoço a 20 Velhinhos Pobres residentes na freguesia.

• • o • •

Capitão António Gomes Rocha

O nosso caro amigo e colaborador sr. António Gomes Rocha, vogal da Direcção do Grupo n.º 94, foi recentemente promovido ao posto de Capitão do Exército, motivo por que lhe apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

Algumas reflexões

(Continuação da 1.ª página)

iniciativa, inteligência, deve ser um parceiro de jogo, um companheiro de brincadeira, reagindo da mesma maneira perante os estímulos do método. Se é sénior, pode ser o melhor escoteiro, mas não pode pensar e sentir como um júnior; pode ser um bom amigo dos juniores, mas não sente a mesma paixão e interesse pelas actividades, como ainda, porque é mais velho, é mais chefe, mais «superior» que parceiro, não se podendo estabelecer na patrulha aquela afinidade de sentimentos que se deseja.

Actividades seniores

Outro assunto que nos parece merecer um pouco de atenção é a orgânica das actividades seniores. Trabalhar com seniores da mesma maneira como se trabalha com juniores é prejudicial, porque aqueles não só se sentem amesquinhados por se verem nivelados com rapazes mais novos (que eles já consideram crianças), como necessitam de actividades compatíveis com o seu desenvolvimento físico e mental. Assim como é errado dirigir lobitos, como se dirige juniores, é, talvez, erro ainda maior, aplicar os mesmos métodos dos juniores aos seniores.

O escoteiro sénior, de facto, não é já uma criança; é um jovem que aspira a pôr em acção as suas aptidões de adulto, não se contentando, portanto, com aquelas actividades que são a alegria dos juniores, porque correspondem às características da sua idade.

Urge, pois, organizar devidamente a Divisão Sénior, com dirigentes e programas próprios. Enquanto isto se não fizer, não haverá escoteiros-seniores em Portugal.

RIBEIRO

MANHÃ DE LUZ

(Continuação da 2.ª página)

De novo, os olhos do velho se fixaram no Tejo e duas lágrimas rolaram dos seus olhos cansados.

Ergueu-se num repelão, abraçado à espada com que se batera em Alcácer e contra o duque de Alba:

— Há-de vir um rei português. Sim, que esta ainda é a Pátria do Mestre de Avis e de Nuno Álvares. Ah! Tivesse D. António, bastardo como o Mestre, um companheiro como o Condestável e não teríamos perdido em Alcântara. Mas, meu Deus, que vejo? Será possível?

II

Eram nove horas da manhã.

Na praça da Ribeira apenas estava o velho com os olhos presos no espaço infinito. Ouviu-se o rodar de coches à porta do palácio e, de escantilhão, alguns fidalgos subiram. O velho ouviu luta e correu. Num pronto, sacaram das pistolas, desembainharam as espadas, disparando as armas e apoderando-se das alabardas. Entravam agora nos aposentos de Miguel de Vasconcelos, desse português renegado que só falava e pensava castelhano. A guarda tudesca oferecia resistência, com as suas armas, mas já um dos defensores de Espanha estava no solo, morto, e dois tombavam feridos, enquanto os outros fugiam, esfarrapados e sangrentos.

Ao verem o corregedor do cível Francisco Soares de Albergaria, gritaram:

— Viva el-rei D. João IV!

O renegado gritou:

— Viva el-rei D. Filipe!

Num pronto, caiu com uma bala na garganta. Entretanto o oficial-mor António Correia já estava despedaçado por D. António Telo...

À porta, o secretário do ministro, Adrião Saraza, perguntou:

— Que quereis? Porquê tanto despropósito contra os soldados de el-rei D. Filipe?

Em ira, os conjurados apontaram-lhe as pistolas e ele galgou em fuga.

O velho tomara-se de entusiasmo. O seu corpo alquebrado remoçara. Sentia-se fão forte como em Alcácer...

Estavam no escritório de Miguel de Vasconcelos, mas ele fugira. Interrogados três escrivães do despacho e moídos com pancadas, nada disseram. Deram voltas a tudo e iam a retirar-se quando uma criada, gritando que não sabia dele, apontou um armário.

Voaram as portas e entre o fragor dos tiros, o secretário do Estado foi furado pelas balas e rasgado pelas lâminas vingadoras.

Entre pragas, levantaram-no ao ar e atiraram-no pela janela às lages da rua para onde lançavam os haveres preciosos do morto.

Um tiro soou. Fora o capitão Diogo Garcês Palha que disparara uma clavina sobre os assaltantes, mas também, daí a pouco era arremessado à rua.

Entretanto, o povo surgia e já o velho não via tristeza nos rostos tisnados dos marujos. Como leões, os populares lançaram-se sobre o magistrado. Um, cortou-lhe o dedo para se apoderar do anel. Deceparam-lhe as orelhas e a cabeça, tiraram-lhe os olhos em algazarra. Era meio dia e procurava-se a cabeça do patife, mas ninguém a viu. Os marujos tinham-na levado para com ela jogarem à bola...

No palácio, a confusão aumentava. O conselho procurava fugir e à janela, um dos conjurados, gritava:

— Liberdade! Viva o duque de Bragança! Viva D. João IV!

Neste momento, o velho vergou os joelhos, com as lágrimas a rolarem das faces.

O povo aclamava o duque. E, pelas ruas, um homem, de armadura e viseira caída, caminhava solene, ao lado do Padre Nicolau da Maia.

— Chegou a hora da revolução. Morram os castelhanos! Viva o nosso rei D. João!

— Viva! — gritava o povo, erguendo os braços.

A praça da Ribeira enchia-se de gente. O arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo de Meneses, improvisava uma procissão que passava nas ruas entre mulheres ajoelhadas. Ouviam-se os sinos e as rezas, de mistura com vivas.

Os presos saíam das cadeias. Acaudilhados pelos fidalgos, a onda do povo subia aos paços para matar os parciais de Castela.

Nisto, uma porta abriu-se e a vice-rainha, D. Margarida de Aus-

(Continua na 6.ª página)

Serviços Centrais

E. C. Albano da Silva

Pela ordem de serviço nacional n.º 10, de Outubro findo, ingressou, como vogal, na Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, o E. C. Sr. Albano da Silva, que foi já nomeado delegado da mesma Direcção junto do Núcleo de Lisboa.

O Sr. Albano da Silva, cuja apresentação foi feita aos nossos leitores no último número do nosso jornal, encontra-se animado do melhor desejo de regularizar — antes de mais nada — a vida associativa, harmonizando os serviços com o Regulamento Geral de 1932, princípio de onde se poderá partir para uma necessária actualização do próprio regulamento.

O "Sempre Pronto" que, desde a primeira hora, tem, exactamente, lutado para que os "Serviços Centrais" dêem o exemplo de disciplina, subordinando-se aos Estatutos e Regulamentos em vigor, vê com grande satisfação que um dos antigos elementos, *dos que já deram boas provas*, reingressar na vida associativa, sendo portador dum plano que ele próprio intitula de — *arrumação e limpeza*.

Região Centro

Dentro do plano de harmonizar os serviços com o Regulamento Geral de 1932, e de harmonia com o art. 71.º do mesmo, foi criado na Região Centro o Núcleo de Lisboa, que agrupa todas as unidades da capital.

Foi nomeado Escoteiro-Chefe do Núcleo de Lisboa, o nosso amigo Sr. Carlos da Graça Branquinho, que desempenhava as funções de Chefe Regional Adjunto, lugar de que foi demitido, juntamente com o Chefe Regional Sr. Magalhães Ferraz, visto que os Grupos da Região, que não são abrangidos pelo Núcleo, ficam directamente dependentes dos Serviços Centrais.

Escotismo através do Mundo

ITÁLIA

Os escoteiros católicos italianos reuniram em Roma nos primeiros dias de Setembro último o seu XII Conselho Nacional, no qual tomaram parte representantes de todas as províncias italianas, tendo-se feito representar associações escotistas da Suíça, Holanda, França e Bélgica, bem como a associação congénere italiana "Esploratori Romani".

Os membros do Conselho acompanhados de grande número de escoteiros foram recebidos em audiência pelo Papa na sua residência do Castelgandolfo. O Papa, que foi delirantemente aclamado pelos escoteiros, fez um discurso elogiando as grandiosas finalidades do Escotismo, no qual, entre outras palavras de apreço, declarou:

O "Escotismo" insufla no jovem e põe em acção tudo aquilo que é naturalmente bom, nobre e são: simplicidade de vida, amor da natureza e da pátria, sentimento de honra, auto-disciplina, obediência, dedicação ao serviço do próximo, num espírito de fraternidade e cavalaria.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

De Parabéns — Estão de parabéns pelo nascimento do seu primeiro *bébé*, os nossos estimados amigos Srs. Alexandre Ascensão Cardoso e sua Esposa. Fazemos os melhores votos de muitas felicidades.

Doente—Tem estado muito doente, internado no Hospital de Arroios, o nosso estimado irmão-escoteiro Sr. Daniel Ladeira Araújo, chefe do Grupo n.º 80 do Corpo Nacional de Escutas.

Desejamos-lhe pronto e completo restabelecimento.

IDEAL ESCOTISTA

Quantos escoteiros se aproveitam das oportunidades previstas pelas longas tardes de inverno, em que as actividades externas são diminutas, para fazerem mais uso, duma alegre reunião de grupo em redor da lareira? O poder duma história que desperte o interesse do rapaz, que ilumine a sua imaginação e que o fixe nos seus ideais sublimes, é inegável.

Não se deveria esquecer, embora isso aconteça muitas vezes, que atrás de toda a esplêndida exteriorização do escotismo, a sua bela camaradagem, sua alegria saudável e actividades construtivas, há alguma coisa maior e melhor ainda — um grande ideal — e os rapazes, quer creiam ou não, elevam-se naturalmente quando encontram ideais apresentados de forma compreensiva e a apropriar à sua vida diária.

«É muitas vezes sugerido», escreveu Roland Philips, «que o objectivo da disciplina escolar, jogos infantis, advertências paternais, conselhos de amigos mais velhos, é fazer dos rapazes, homens. A diferença porém, no propósito do Movimento Escotista, consiste em não desejar que os rapazes se tornem homens antes de tempo, mas que primeiro sejam rapazes magníficos e aprumados, para mais tarde com maior facilidade tornarem-se cidadãos honrados e nobres». O alvo e fins do Escotismo, não se fundam na fácil sabedoria de, como fazer coisas; viver conforme a Lei e a Promessa é o que se pretende de cada Escoteiro seja ele *Pata-tenra* ou dirigente e, como diz o Manual Canadiano para Rapazes: Se queres cumprir a Lei, deves primeiro compreender o que ela quer dizer. Um bom Escoteiro conhece a Lei por a ter praticado e os Escoteiros verão que isto é o melhor meio de aprender. De facto é a única forma de obter seu completo significado e satisfação. *Tu não podes aprender nem continuar a ser Escoteiro sem praticares a Lei.*

O que cada um faz é o resultado do que é. Precisamente a Lei do Escoteiro contém toda a força motora do sistema escotista e, a prática da bondade ou outras boas qualidades dum Grupo, dependerá de quanto maiores e mais prósperos forem os esforços dos seus escoteiros, em manter sempre o idealismo do Movimento no conhecimento conscienciosо de todos os seus membros.

Mas a coisa mais difícil deste mundo é «ensinar» ideais. A explicação não pode ser feita ou incutida à força. Os ideais irradiam fortemente das vidas e acções de quem apele para os jovens e então, o método da história tem um valor inestimável.

Devemos evitar ter a impressão de que a Lei do Escoteiro, não é uma lei no sentido vulgar da palavra. Não há nela qualquer simples proibição sugerida; «*tu não farás*», ou «*tu farás*» não aparece. O simples *é* percorre-a como por encanto e, os seus dez artigos representam nem mais nem menos o que deveria ser o perfeito Escoteiro. Um outro grande ponto acerca da Promessa é a de que um rapaz a aceita sòmente se quiser e o sentido do seu esforço para o ideal é acentuado pela forma da sua Promessa a qual não o obriga a guardar a lei mas a «fazer o seu melhor».

É bastante importante para cada Chefe, tornar claro ao rapaz o que a Promessa significa, de forma que ele mesmo veja qual a pretensão. Este princípio expresso em poucas palavras aparece para encaminhar o rapaz a viver para os outros em vez de para si, bem como a dar o melhor que puder às pessoas com as quais viva ou lide e, se o fizer com ordem e zelo, obterá por experiência, conhecimentos de muitas coisas que jámais tinha pensado em aprender, tornando-se dessa maneira um cidadão prestimoso.

Existem muitos grupos de grande eficiência técnica que não produzem bons escoteiros porque os seus chefes se têm esquecido que o verdadeiro valor do Escotismo permanece no «espírito» do Movimento e não particularmente na sua técnica. As actividades são acima de tudo os meios de se obter um fim e o fim está certamente na aplicação, dos ideais do Escotismo para a vida. A «boa transformação» requerida do Escoteiro, como matéria de dever, acentua isto.

Fazer penetrar o idealismo na atmosfera das actividades do grupo é cousa que cada chefe devia ter por alvo em qualquer ocasião, mas sem se arrastar em demasiadas formalidades. Um fogo de conselho à volta do qual se tenham pequenas conversas, sobre os aspectos da Lei, que não se parecem com sermões; os feitos acerca de verdadeiros escoteiros, pioneiros e nobres acções — contêm suas próprias mensagens.

A Lei do Escoteiro deveria ser o árbitro de todas as dúvidas que surgissem. Quer seja em contacto com o rapaz individualmente,

(Continua na 5.ª página)

A CAVERNA DE AKELÁ

Novamente na Alcateia

III

—Já sei que queres fazer parte da nossa alcateia,—dizia Akelá a Vasco.—Tens a proposta?

Vasco não se fez esperar; tirou da algibeira, nervosamente, um papelinho muito bem dobrado e entregou-o ao chefe da alcateia. Este leu-o com atenção e, no fim, dirigiu-se novamente ao novo aspirante:

—Antes de poderes fazer a promessa, terás de prestar as provas de *pata-tenra*, isto é, conheceres um pouco da vida de lobito. Aprenderás a história de Maugli...

—Já a sei toda,—interrompeu alegremente Vasco.

—Melhor,—continuou Akelá,—mostras que tens vontade de ser um bom lobito. O Fernando ensinar-te-á, depois, outras coisas necessárias para atingires a categoria de *pata-tenra*. Espero que possas ser sempre um lobito digno de Maugli. Vamos à nossa reunião de hoje.

Daí a pouco estava a alcateia reunida.

* * *

—Vamos representar a «Dança de Balu!—gritou Akelá, quando todos estavam reunidos no *Círculo do Conselho.*

É indiscritível a alegria que se apossou dos pequenos lobitos; todos queriam ser o Balu. Por fim, foi José Manuel o escolhido. Akelá afasta-se, então, do círculo e grita:

—Balu!...

Imediatamente os lobinhos volvem à direita e José Manuel vem colocar-se à frente de todos, para representar Balu, o urso.

Começam a andar devagar e balançam lentamente o corpo sobre os joelhos e ao compasso, imitando o urso. Põem as mãos abertas por detrás das orelhas e cantam baixinho:

«*Um lobito escuta o Velho Lobo*».

Depois tapam as orelhas e dizem:

«*Um lobito não se escuta jamais*».

A seguir, põem as mãos na boca, como um porta-voz, e tornam a repetir o mesmo canto, em voz alta, e dando passadas largas.

E a dança continua. Agora levam as mãos à testa e fazem, com elas, uma pala de um boné e cantam: «*Um lobito escuta o Velho Lobo*»; e fechando as mãos como um binóculo: «*Um lobito não se escuta jamais*».

Prossegue a marcha. Vão, agora, de gatas, a olhar atentamente o

(Continua na 8.ª página)

O CONCURSO DE 1946

SUPLEMENTO AO «SEMPRE PRONTO»

Redacção e Administração Trav. de Vitorino de Freitas n.º 9—Ajuda

LISBOA

O «*Sempre Pronto*» oferece aos seus leitores um interessante **Concurso**, com valiosos prémios. Todos os nossos leitores podem concorrer, bastando para isso recortar o cupão publicado em cada número, responder à pergunta ou perguntas feitas, e enviá-las à nossa Redacção directamente ou por intermédio dos nossos Agentes e Delegados.

Ficarão habilitados aos prémios individuais todos os concorrentes com a totalidade das respostas certas. Além disso, podem indicar o número do grupo de escoteiros ou núcleo campista a que pertencem ou da sua simpatia, visto que não é necessário ser membro do grupo indicado, que ficará também habilitado aos importantes prémios colectivos.

Os prémios colectivos serão distribuídos aos grupos com maior número de concorrentes.

Os prémios individuais serão sorteados entre os concorrentes.

O concurso termina com o último número publicado no corrente ano.

42 prémios individuais 42 — **9 prémios colectivos 9**

INDIVIDUAIS

PRÉMIO «ANTERO LOPES»—Uma faca de mato sueca, oferta do conceituado estabelecimento de artigos de caça e campo, Antero Lopes, L.da, da Rua Eugénio dos Santos, 31 em Lisboa.

PRÉMIO «VITORINO DE SOUSA»—Um machado, com bainha e defesa de couro, oferta da reputada casa de artigos de campismo e correeiro, Vitorino de Sousa, L.da, da Rua dos Correeiros, 200 e 202 de Lisboa.

6 PRÉMIOS «DOMINGUEZ & LAVADINHO, L.da» — Seis caixas do óptimo papel de carta, de linho, «**Alsacien**», oferta daqueles importantes armazéns de papelarias na Rua da Assunção, n.º 83, em Lisboa.

PRÉMIO «ELECTRO BRILHANTE»—**1 lanterna eléctrica com lentes de 3 cores.** Oferta da conhecida casa fornecedora de todos os artigos para electricidade e rádio, «Electro-Brilhante» da Rua dos Fanqueiros, n.º 187.

PRÉMIO «BERTRAND»—A interessante e consagrada obra de Júlio Verne «A Ilha Misteriosa», em 3 volumes, oferta da importante editora Livraria Bertrand, da Rua Garrett, 74 em Lisboa.

PRÉMIOS «EDITORIAL MINERVA» — Dois exemplares do livro «Guia de Campismo» de Chaves Mendes, a mais completa obra sobre campismo publicada em Portugal, oferta daquela casa editora da Rua Luz Soriano, 33 em Lisboa.

6 PRÉMIOS «BIBLIOTECA COSMOS»—Seis exemplares da novidade literária **«O Campismo na Vida Moderna»**. Oferta das reputadas Edições Cosmos, da Rua da Emenda, n.º 111, 2.º em Lisboa.

3 PRÉMIOS «EDITORA ARGOS»—Três volumes da colecção «História Maravilhosa»: Kemal Paxá, Amudsen, Masaniello, oferta das conceituadas Edições Argos, da Rua do Ferregial de Baixo, 31, 2.º Dt.º em Lisboa.

COLECTIVOS

1.º Prémio «VIEIRA CAMPOS»

UMA LINDA TENDA CANADIANA, ref. 102/1.208 S. de Lintex, do catálogo da casa Vieira Campos, da Rua da Prata, n.os 215 e 217, de Lisboa, oferta desta importante casa fornecedora de todos os artigos de campismo. Prémio de grande categoria, dada a excelente qualidade e perfeito acabamento da tenda.

2.º Prémio «SPRIL»

Um bom arco e três flexas, de óptimo fabrico, oferta da reputada casa de artigos desportivos SPRIL, da Rua do Loreto, 34, 2.º em Lisboa. Prémio valioso e de grande interesse para o desporto no campo. O «Tiro ao Arco» presta-se admiràvelmente para ser praticado em complemento do campismo.

3.º Prémio «CASA DO DESPORTO»

Uma bola para voleibol e respectivo saco de rede, oferta da conceituada «Casa do Desporto» da Rua da Madalena, n.º 196 em Lisboa, fornecedora de todos os artigos para desporto.

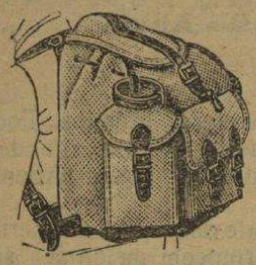
4.º a 9.º Prémios «SINO»

6 Prémios da óptima tinta «Sino»: 1 frasco n.º 5.013 (1 litro); 1 frasco n.º 5.054 (1/2 litro); 1 frasco n.º 1.505 (1/4 litro); 1 frasco tinta Estilográfica (1/8 litro); idem (1/16 litro); 1 frasco tinta carimbo. Oferta dos conceituados fabricantes A. Ferreira L.da da Rua da Junqueira, n.º 233 em Lisboa. Material útil a todos os grupos.

PRÉMIO «PIMENTEL & CASQUILHO, L.da» Uma bússola de bolso, oferta deste estabelecimento de artigos de precisão, Rua Eugénio dos Santos, 75 em Lisboa.

Não deixe de concorrer, demonstrando os seus conhecimentos, habilitando-se aos interessantes prémios, marcando a posição do Grupo da sua simpatia e habilitando-o, também, aos valiosos prémios colectivos.

Em Janeiro de 1947 o «*Sempre Pronto*» organizará uma festa onde será prestada homenagem aos Grupos vencedores do Concurso e aos Grupos Campeões da venda do jornal; serão distribuídos os prémios colectivos e individuais, e serão entregues diplomas a todos os concorrentes que tenham acertado em todas as respostas.



VITORINO DE SOUSA, L.DA

200, RUA DOS CORREEIROS, 202 / LISBOA

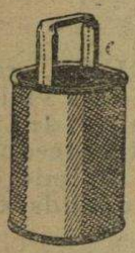
TELEFONE 2 7458



Fabricante de material de Campismo e bolas de Futebol e Voleibol



Não comprem • sem • consultar • os • nossos preços



DESCONTOS A GRUPOS DE ESCOTEIROS



TENDAS

E TUDO PARA

CAMPISMO



A CASA DA ESPECIALIDADE

Barracas Sombreiros

TENDAS e material de acampamento

TOLDOS

PARA ESTABELECIMENTOS / PRAIAS
JARDINS (montagens completas)
SOFÁS BALOIÇO

ENCERADOS PARA TODOS OS FINS

Fabrico — Aluguer — Venda — Reparação

VESTUÁRIO DE OLEADO

única pintura maleável e lubrificante

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE TOLDOS E ENCERADOS

R. Vale de S.to António, 59-Telef. 25357-LISBOA



ORGANIZAÇÃO MAQUINEX, L.DA

TRAVESSA DAS PEDRAS NEGRAS, 1-3.º

TELEFONE

LISBOA

OFICINAS PRÓPRIAS PARA REPARAÇÕES

De máquinas de escrever, calcular e somar, manuais e eléctricas, duplicadores, etc.
De caixas registadoras de todas as marcas
De aparelhos de cinema amador, mudos e sonoros.
De toda a mecânica de precisão.

Contratos de limpeza e assistência técnica

CONSULTE-NOS SEMPRE ORÇAMENTOS GRÁTIS

Venda, compra e aluguer de máquinas de escritório

A maior e melhor organização do país

SECÇÃO TÉCNICA

Primeiros socorros

(Continuação do número 19)

Fractura do braço (úmero)

Faça-se um pouco de extensão. Coloque alguma coisa macia antes de colocar as talas.

A tala do lado de dentro não deve chegar à axila, porque pode deter a circulação; aperte com uma ligadura estreita acima e abaixo da fractura. Dobre o braço e coloque-o num suspensório simples. (O lenço de escoteiro aplicado em sistema de gravata, dando a volta pelo pescoço e mantendo o braço suspenso e junto ao corpo).

Fractura do antebraço (Rádio e cúbito)

Faça extensão, coloque as talas como para o braço, com a diferença que o antebraço descansará inteiramente no suspensório e este será feito com o lenço em sistema de triângulo.

Fractura da coxa (Fémur)

Coloque por fora uma tala larga, por exemplo: uma vara, uma tábua, tacos de bilhar, uma carabina, etc., que vá desde a axila (no braço) e passe o tornozelo; e outra mais curta por dentro. Segure-as com uma ligadura ao redor do peito, outra ao redor da pélvis (cintura), outras duas sobre a coxa, atando as talas acima e abaixo do sítio da fractura; outra ao redor da perna, a sexta cruzada unindo os pés, e por último a sétima unindo ambos os joelhos.

Tratando-se de uma mulher, basta colocar-lhe uma tala por fora, ligando as duas pernas juntas sobre o vestido.

Fractura da perna

Talas dentro e fora. Uma ligadura acima e outra abaixo da fractura, uma por cima do joelho, outra cruzada unindo os dois pés, e a quinta unindo os dois joelhos.

Fractura da rótula

Como na fractura do pé o sinistrado não poderá mover a perna. Coloque uma tala acolchoada desde as nádegas até passar o calcanhar e ligue na coxa, acima e abaixo da rótula e no tornozelo.

Adapt. de «El Scout Argentino»

No próximo número:

«Como se levanta um ferido» e **«Entorses»**.

■

A cozinha do acampamento

Aprender até morrer, diz um conhecido rifão popular. Por isso, aqui estamos, apesar de a época de Inverno já ter começado há dois meses, a falar de acampamentos. É que nunca é tarde para nos aperfeiçoarmos, e os escoteiros devem já começar a ensaiar, nos bivaques que efectuarem durante este período, os conhecimentos que forem adquirindo, a fim de poderem apresentar-se num nível técnico mais alto na próxima temporada de acampamentos, que prevemos fecunda.

Onde instalar a cozinha?

A cozinha deve ser instalada no lado contrário ao soprar do vento em relação ao local em que estão armadas as barracas. Evita-se assim que estas sejam atingidas pelo fumo e faúlhas da fogueira. Para que o pessoal da cozinha não esteja exposto aos raios solares, durante o seu labor, é conveniente escolher um local onde haja sombra. Não sendo possível, armar-se-á um toldo sobre este lugar.

O recinto deve ser vedado à volta, para se impedir a entrada de pessoas estranhas ao serviço de cozinha, porque panela mexida por muitos cozinheiros...

Como instalar a cozinha?

A cozinha, como não podia deixar de ser, é o ponto do acampamento onde a limpeza deve ser mais cuidadosamente observada. O cozinheiro e o seu auxiliar, o *bicho de cozinha*, não devem descurar esta condição essencial da cozinha.

Com um pouco de trabalho, os dois conseguirão arranjar utensílios que não só irão dar bom aspecto a esta dependência, como serão de grande utilidade, por defenderem os objectos a usar na cozinha de toda a sujidade. Isto tudo consegue-se só com materiais encontrados no campo.

Algumas pedras lisas são excelentes, depois de limpas, para se pousarem aí as colheres, garfos e outras pequenas coisas a utilizar. Com dois galhos de árvore em forma de Y com um metro de altura, aproximadamente, e uma vara com as extremidades deitadas neles, que também poderá ser substituída por uma corda, arranjar-se-á um suporte donde se suspenderão a concha, a escumadeira, o machado e outros utensílios análogos. Com um pouco mais de engenho, e para acampamentos mais prolongados, poderá construir-se um suporte mais completo, segundo a ideia de cada um, também para pratos, púcaros, talheres, etc.

É indispensável, também, um saco de lona, com água. Se for possível, é bastante conveniente uma bacia de lona para se lavar as mãos, tendo próximo o respectivo sabão e toalha.

Um pouco mais afastado, cavam-se as duas fossas, uma para águas e outra para detritos, construídas conforme as indicações publicadas no n.º 15 do *«Sempre Pronto»*.

Por fim, cuidar-se-á da parte mais importante da cozinha—a fogueira — sobre a qual daremos algumas instruções no próximo número.

J. R.

(Continua)

O «SEMPRE PRONTO» apresenta a todos os seus estimados assinantes, colaboradores, anunciantes e demais amigos, os sinceros desejos dum Natal feliz.

IDEAL ESCOTISTA

(Continuação da 4.ª página)

o Tribunal de Honra ou o Grupo em conjunto, um bom chefe deverá aplicar os princípios da Lei e Promessa e nenhum outro. Então o rapaz porá em prática a tempo o ponto principal do seu Escotismo que é a Lei, e o seu chefe e todos os seus companheiros estarão como ele esforçando-se por guiar as suas vidas, pelos seus ensinamentos. Quando um rapaz realiza isto, é um Escoteiro, mas só depois disso. E para o realizar pode-se dizer que tem o coração dum Escoteiro.

Trad. por Margarida Roeder Nunes, de *«The Victorian Scout»*, Melbourn.

MANHÃ DE LUZ

(Continuação da 3.ª página)

tria, duquesa de Mântua, prima do rei, surgiu, solene, altiva, nas suas vestes roçagantes:

— Que quereis? Que fazeis? Que tendes?

Tentava falar da janela ao povo, perto do arcebispo de Braga; D. Miguel de Almeida disse ao prelado:

— Ide para o vosso aposento, pois muito me custou esta noite alcançar o perdão dos conjurados para a vice-rainha.

Cheios de alegria, os populares gritaram:

— Temos rei!

— *Sí, por certo que teneis rey; a my Señor y vuestro!*

— Não, não é esse. É o duque D. João! E retirai-vos senão quereis que vos perca o respeito.

— A mim? E como?

— Como, senhora? Obrigando Vossa Alteza a que, se não quiser entrar por esta porta, saír por aquela janela...

Era preciso agora ir à câmara, mas as portas estavam fechadas. De pronto foram arrombadas e viram os conselheiros pálidos, pois não acreditavam na conjura. D. Álvaro de Abranches, afastando-os, avançou para o estandarte e, juntando-o ao peito, levou-o à janela, entre aclamações do povo.

Lá em baixo, a procissão passava, seguida do poviléu que não cabia nas ruas.

III

A correr, Pedro de Mendonça e Jorge de Melo foram prevenir o duque de Bragança. No dia 3, no seu coche, o senhor D. João, lança-se pelas estradas, acompanhado dos emissários e de alguns familiares. Três dias depois, à meia-noite, chegou a Almada, onde desceu ao Tejo, em cujas águas o bergantim substituiu o coche.

Meão de altura, o rosto crestado de bexigas, envolto na cabeleira, bigode fulvo, D. João não parecia rei mas sim um escudeiro ou mordomo. (1)

Rude, a cabeca envolta num chapéu grosseiro, fato de mescla, o seu trajo contrastava com a riqueza do bergantim de casco dourado, balouçando sob o toldo de seda, franjado de ouro.

Centenares de archotes iluminavam os barcos. A cidade debruçava-se no rio, envolta em lumes. Mansamente, o bergantim faz rumo a Lisboa. Ouvem-se as salvas e os sinos repicam em festa.

No cortejo, perdido entre os populares, o velho tanoeiro seguia, sobraçando a espada, com o contentamento espelhado nas faces, os olhos perdidos no manto estrelado do infinito...

(1) *A entrada de D. João VI em Lisboa*, João Ameal *(in "Diário de Notícias")*.

MANUEL FERREIRA

Sorrir às dificuldades

(Continuação da 1.ª página)

não o há-de ser na vida social? E se isto acontece na vida duma Nação, porque não poderá suceder na vida duma colectividade?

E se isto é assim para as grandes dificuldades, porque não há-de ser para as *dificuldadezinhas*, às vezes simples questões de comodismo ou conveniência?

Quando há meses, neste mesmo local, procurámos apontar *"porque não progride o Escotismo em Portugal"*, um amigo nos procurou julgando que ignorávamos determinadas dificuldades que o movimento encontra no país. Não, não as ignoramos. Temo-las sentido através da nossa acção, mas não julgamos que sejam razão suficiente para fazer esmorecer um escoteiro. Achamos mesmo que elas só deverão servir de estímulo para a nossa actividade, não nos parecendo que sejam tão grandes que possam resistir a um esforço decidido.

Por isso condenamos a atitude daqueles que têm cruzado os braços ou desertado. Reconhecemos que existem dificuldades, mas poderão elas servir de justificação para incúrias e desleixos?

Aqui deixamos a pergunta. Que os verdadeiros escoteiros respondam e, estamos certos, a hesitação, a indolência e a falta de cumprimento do Dever, não poderão ser justificadas pelas dificuldades existentes.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

DESPORTO

Torneio preparação de Voleibol

Promovido pelo nosso jornal, e de colaboração com os Grupos n.ºs 2, 9 16, 53, 85 e 94, vai ter agora o seu início o Torneio Preparação de Voleibol.

Deve-se, no entanto. esclarecer que se trata dum torneio preparatório, para ser disputado em família, e só depois se realizará um outro Torneio, onde, com mais preparação, se poderá ir mais longe.

As competições realizam-se dentro dos Regulamentos da Associacão Nacional, que serão rigorosamente observados.

O Torneio é disputado numa única volta sendo a abertura feita no dia 8 do corrente, integrada nas comemorações dos aniversários dos grupos n.ºs 2 e 85.

Os primeiros encontros a realizar são:

Dezembro

Dia 8 —	grupos	2 — 53
	»	9 — 16
Dia 22 —	»	9 — 53
	»	2 — 16
	»	85 — 94

Janeiro

Dia 5 —	»	85 — 9
	»	94 — 2
	»	16 — 53

No próximo número indicaremos os restantes jogos.

Os encontros terão início às 9 horas da manhã.

No caso de empate nos resultados finais terão a prioridade na classificação os grupos com mais número de bolas marcadas. Os encontros acima citados realizar-se-ão no Campo de jogos do Ateneu Comercial de Lisboa, gentilmente cedido.

Pedimos aos grupos que deram a sua adesão a este torneio para prepararem os seus equipamentos, afim de que não seja prejudicada a ordem estabelecida para os encontros.

A falta de tempo impede-nos de nos dirigirmos aos grupos inscritos, como era nosso desejo, mas esperamos e agradecemos a boa vontade de todos no sentido de resolver qualquer dificuldade que possa surgir.

Torneio de Ténis de Mesa

O «Sempre Pronto» vai organizar um torneio de Ténis de Mesa, a efectuar em Janeiro próximo.

Pedimos aos grupos interessados para fazerem a sua inscrição na Redacção do nosso jornal até ao dia 15, tanto nas categorias Júnior, como Sénior.

PATO COXO

• • o • •

Antigos escoteiros

Sabemos que uma comissão constituída por antigos e actuais escoteiros está projectando organizar em breve uma grande actividade de confraternização dos antigos Escoteiros de Portugal.

E mais grato nos é registar este facto por sabermos que esta iniciativa já saiu da fase pròpriamente de projecto e que já se trabalha activamente na sua organização.

• • o • •

O filho sábio ouve a correcção do pai; mas o escarnecedor não ouve a repreensão.

PROVÉRBIOS DE SALOMÃO

Concurso Inter-patrulhas do Núcleo de Lisboa

Conforme estava anunciando foi iniciado no dia 27 de Outubro p. p., com as provas de campo que se realizaram na Tapada da Ajuda, este Concurso do Núcleo de Lisboa.

Contra o que era de esperar foi menor o número de patrulhas concorrentes, mas, no entanto, as actividades executaram-se com toda a regularidade, apesar do dia agreste que estava.

Durante o mês de Novembro, na Sede Central, efectuaram-se as restantes provas, sendo de notar a desistência das patrulhas seniores «Egas Moniz» do 53, «D. Nuno Álvares Pereira» do 85, «Alfredo Keil» do 2. E se é de lamentar a desistência destas patrulhas, mais de lamentar é ainda que a patrulha «Baden Powel» do 94 não tivesse comparecido a estas últimas provas.

A patrulha «Águia» do 85 distinguiu-se brilhantemente nos trabalhos de sede, tendo apresentado interessantes trabalhos manuais.

A patrulha «Infante D. Henrique» do 9 teve, também, um bom comportamento e a patrulha «Viriato» do 53 apresentou um esplêndido álbum de folhas e flores.

No conjunto o Concurso foi útil, muito embora não tivesse despertado o entusiasmo que se esperava.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

Patrulhas	Grupos	Provas de campo	Provas de sede	PONTOS TOTAIS
Juniores				
Águia	85	97,5	204	301,5
Rinoceronte	85	70	114	184
Seniores				
Inf. D. Henrique	9	110	169	279
Viriato	53	95	166	261
S. Jorge	2	95	164	259
Baden Powell...	94	82,5	0	82,5

• • o • •

O coração com saúde é a vida da carne, mas a inveja é a podridão dos ossos.

PROVÉRBIOS DE SALOMÃO

Grupo n.º 53

Encerrou as suas actividades do ano 1945/1946

Pondo em prática o conteúdo do artigo publicado no último número do *Sempre Pronto — Um Exercício de Observação e de Pista, Praticado pelos Escoteiros Norte Americanos.*

Pelas 8 horas do dia 10 de Novembro, partiram da Sede as Patrulhas Seniores, *Viriato, Egas Moniz* e *Infante D. Henrique*, com rumo diferente, sendo portadoras de uma carta-mensagem que deveria ser aberta a determinada hora, afim de lhes indicar o caminho a seguir. Eram 9,30 quando se reuniram sobre o Viaduto Duarte Pacheco. Já nessa altura se encontrava traçada uma Pista, na extensão de 3 quilómetros, através da Serra de Monsanto. Chegadas ao fim, receberam instruções para que se separassem novamente e caminhassem em direcções diferentes durante 1 hora e 40 minutos, ao fim desse percurso voltariam a receber instruções por homógrafo. A uma distância quase impossível de distinguir, receberam comunicação do Guia de Secção, mandando caminhar em certa direcção até se encontrarem, onde estaria o prolongamento da Pista. Eram 12,20 horas quando chegaram ao fim. Aqui descansaram para almoçar.

A's 14,30 horas, prosseguiram a marcha juntos. Após algum tempo separaram-se novamente, continuando no prosseguimento da Pista que os levaria ao descobrimento dum Tesouro. Eram 17,15, quando o Guia da Patrulha Infante D. Henrique transmitia uma mensagem ao seu Chefe, anunciando que às 17,10 horas, nas ruínas de um moinho situado ao Norte do cemitério da Ajuda, tinha sido descoberto, pela sua Patrulha, o Tesouro.

E aqui, terminou o exercício, regressando ao ponto de partida, satisfeitos pelo bom passeio-exercício, no qual também participaram alguns escoteiros juniores e aspirantes.

• • o • •

Doce é o sono do trabalhador quer coma pouco, quer muito; mas a fartura do rico não o deixa dormir.

ECLESIASTES

DO ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Passeio de estudo O grupo n.º 84 efectuou uma visita de estudo à importante construção da Barragem do Castelo do Bode, no Rio Zêzere. A viagem foi feita de bicicleta, sob o comando do Chefe do Grupo. Os escoteiros visitaram todas as instalações tendo-se demorado a apreciar o trabalho dos compressores para abastecimento de ar aos operários que estão perfurando a rocha, e o enorme túnel, cujas dimensões são de 20 m. de largura, 10 m. de altura e 300 m. de comprimento, e que se destina a desviar o curso das águas, a fim de se poder depois construir a grandiosa barragem com 200 m. de expessura.

O Grupo repetirá as visitas a esta obra de engenharia, a fim de que cada escoteiro possa apresentar um relatório completo dos trabalhos, relatórios esses que serão depois devidamente classificados.

Homenagem No dia 24 último, o povo do Entroncamento prestou homenagem à Junta de Freguesia que é presidida pelo nosso estimado amigo Sr. José Duarte Coelho, que preside, também, ao nosso Grupo de Escoteiros. A Banda do 84 tomou parte na manifestação.

À noite, no Monumental Bar, propriedade do nosso antigo camarada Sr. Manuel Medeiros Jr., realizou-se um jantar de homenagem ao Sr. José Duarte Coelho.

Concurso do "Sempre Pronto" Os prémios do concurso do nosso jornal estiveram em exposição na montra do importante estabelecimento desta localidade, **Centro da Moda**, de que é proprietário o nosso estimado amigo e assinante Sr. Francisco Neves da Costa.

A exposição, que despertou o maior interesse no público, foi executada pelos Srs. Neves da Costa e pelo nosso Delegado, Aníbal Horta, coadjuvados pelo nosso camarada Armando Godinho.

Imprensa Acaba de sair o primeiro número do jornal «*O Entroncamento*» que se destina à defesa dos interesses do nosso Concelho.

O «*Sempre Pronto*» apresenta saudações ao seu Director e deseja as maiores prosperidades ao novo órgão.

A Patrulha Búfalo

Folhetim do «Sempre Pronto» **Por R. K. E.**

(CONTINUAÇÃO)

Certamente que os bandidos tinham descoberto a comunicação de Fred e procuravam ver-se livres das suas vítimas pelo incêndio.

Quando os polícias de pistola em punho se dispunham a entrar na vivenda, até onde lhes fosse possível, um facto inesperado veio pôr termo à ansiedade geral.

Salvos

Fred, de cabelo chamuscado, corria para a rua com a filha do banqueiro, desmaiada, nos braços. Estavam salvos! Porém, a rapariga tinha algumas queimaduras e mais tarde se viria a conhecer que só à inteligência e abnegação de Fred se devia ela estar ali com vida.

Imediatamente um dos escoteiros puxando da sua ambulância portátil agarrou num frasco com soluto saturado de bicarbonato de sódio com que lavou as queimaduras mais importantes. Após isto um outro escoteiro imprimiu-lhe alguns movimentos de respiração artificial, que foram suficientes para que ela recuperasse os sentidos e logo um dos automóveis da polícia a conduziu a um posto de socorros da cidade, onde se verificaria que o seu estado não oferecia gravidade.

Enquanto isto se passava os bombeiros tinham chegado e começado o ataque ao incêndio e a polícia conseguia deitar mão aos dois malfeitores que ainda estavam no edifício em chamas. Os restantes tinham sido detidos à sua chegada à cidade no automóvel, de cuja viagem a polícia tivera conhecimento pela mensagem do Guia da Patrulha Búfalo.

A lanterna voltou a funcionar para transmitir a seguinte mensagem: Fred e filha do banqueiro, salvos. Retirem para a Sede. Chefe. *E a «Búfalo», alegre por ter cumprido o seu dever, retirou para a sede num dos automóveis da polícia.*

* * *

Recompensa

As guias e os escoteiros de toda a cidade reuniram numa das praças mais importantes. Alguns milhares de escoteiras e escoteiros. Junto a uma tribuna formava o Grupo n.º 395 com a sua Patrulha Búfalo à frente. Do outro lado um grupo de escoteiras.

Da tribuna desceu o Governador do Estado, o banqueiro cuja filha tinha sido raptada e o Chefe Geral dos Escoteiros.

Em breve discurso o Governador disse que a Patrulha Búfalo tinha prestado um relevante serviço ao Estado descobrindo uma quadrilha de malfeitores. O escoteiro Fred era um herói. Por isso a Patrulha e Fred eram condecorados com as medalhas de Reconhecimento da Nação.

O Chefe Geral dos Escoteiros abraçou cada um dos membros da Patrulha e entregou a Fred a medalha «Búfalo» de ouro.

Por último falou o banqueiro que comovidamente declarou:

«A Patrulha Búfalo é um agregado de heróis. Fred é o principal, mas é mais do que isso: Salvou a minha filha com sacrifício da sua vida. Recusou todos os benefícios com que de minha vontade o quis recompensar. Não tenho medalhas para lhe oferecer. Ofereço a minha filha ao Escotismo, escola de tão altas virtudes...

Imediatamente a Chefe das Escoteiras recebeu a Promessa duma nova girl-guide. — *A filha do banqueiro.*

FIM



Sessão de Propaganda Escotista em Tavira

Promovida pelo Grupo n.º 6 de Olhão, de colaboração com o Grupo n.º 60 de Vila Real de Santo António e com o patrocínio do nosso jornal, realizou-se no dia 4 de Outubro p. p., uma importante sessão de propaganda escotista, no Teatro de António Pinheiro, em Tavira, gentilmente cedido para tal fim.

Às 20,30 horas os Grupos 6, 59, 60 e as Secções da D. A. F. de Olhão e Vila Real, desfilaram pelas ruas da cidade de Tavira, entoando as suas canções características.

Às 21 horas, no referido Teatro, realizou-se a sessão que foi presidida pelo Sr. Dr. Eduardo Mansinho, e secretariada pelas Sras. D. Mariana Leiria e D. Julieta Rodrigues, representando as duas Secções da D. A. F.; Sr. José Maria do Carmo Costa, da Comissão de Patrocínio do Grupo 59; Sr. Sargento Liberto Conceição, ex-escoteiro do mesmo Grupo; Sr. Silvério Caires, do Grupo 88 do Corpo Nacional de Escutas da Madeira; A. Vicente Campinas, chefe do 60; Francisco Militão dos Santos e Francisco Pina, chefe e instrutor do 6.

Usou da palavra o Sr. Manuel W. Leiria, versando «O Escotismo, a sua Influência nos Destinos da Juventude», que foi muito aplaudido pela assistência. Após algumas palavras de louvor para o Escotismo pelo Sr. Dr. Eduardo Mansinho, foi encerrada esta parte da sessão.

Foi seguidamente exibido um interessante programa cinematográfico que a VITÓRIA FILMES generosamente pôs à nossa disposição, constando da interessante revista «Rapaziada» sobre a vida dos escoteiros londrinos e diversos documentários culturais coloridos, sobre a vida britânica.

E o espectáculo terminou com um simulacro de *fogo de conselho*, ao qual os grupos 6 e 60 deram o entusiasmo das suas canções, tendo ainda prestado Promessa dois aspirantes do 59 de Tavira.

"A Caverna de Akelá"

(Continuação da 4.ª página)

chão, como se fossem a seguir uma pista. Repetem o canto, em voz cada vez mais baixa. Já mal se ouve. Agora todos se sentam. Pronto! acabou a «Dança de Balu». Akelá vai falar...

* * *

—Vês como aprendeste fàcilmente à Lei da Alcateia?—disse o Fernando ao Vasco, quando se encaminhavam para casa.

—É verdade, assim não custa nada! — comentou o Vasco, satisfeitíssimo.

— A brincar aprenderás ainda muitas outras coisas que te serão úteis, em qualquer momento,—continuou o Fernando.

E, conversando animadamente, os dois amigos seguiram o seu caminho, satisfeitos com aquele bocado bem passado.

A seguir: "José Manuel vai voltar para junto dos Homens".

O aniversário do Grupo n.º 2

O nosso estimado amigo e assinante Sr. Almerindo Gonçalves Fernandes, antigo escoteiro do Grupo 2, escreve-nos pedindo para que lembremos que no almoço de confraternização dos actuais e antigos escoteiros deste grupo efectuado no ano passado, tinha sido manifestado o desejo unânime de que o almoço a realizar este ano fosse efectuado em local fora de Lisboa.

Aqui deixamos a sugestão deste nosso camarada, muito embora saibamos que não se pensa em realizar este ano esta interessante reunião dos antigos componentes do Grupo 2, porque a comissão que em anos anteriores a organizou se julga desobrigada dessa missão, visto que no almoço do último ano foi eleita uma nova comissão de antigos escoteiros que se prontificou a organizar estas manifestações.

• • o • •

O 18.º aniversário do Grupo n.º 85

No dia 9 de Outubro p. p. festejou o seu 18.º aniversário o Grupo n.º 85 dos Escoteiros de Portugal, com um chá de confraternização no qual tomaram parte os 30 escoteiros do seu efectivo e o Sr. Artur Ferreira Manso, membro da Comissão de Patrocínio, que presidiu, tendo feito um breve discurso.

Foi guardado um minuto de silêncio em homenagem a Baden Powell, William Pope e aos escoteiros falecidos. Foi feita distribuição de diplomas de classe e as medalhas de «Assiduidade» e «Dedicação» respectivamente aos escoteiros Eduardo Sales Henriques e Severino Filipe Melro.

Prestaram Compromisso de Honra 10 novos escoteiros, que foram efusivamente saudados pelos antigos escoteiros. A festa terminou com canções e recitação de poesias.

O *Sempre Pronto* apresenta felicitações ao Grupo n.º 85 desejando-lhe as maiores prosperidades.

• • o • •

Concurso de 1946

X

Como se chama a fractura em que a ponta do osso partido atingiu algum órgão interno ou cortou alguma artéria ou nervo?

.....

Nome do concorrente .....

.....

Grupo .....

Morada .....

Localidade .....

Data .....

Recorte, preencha e remeta ao «*Sempre Pronto*».

AVISO

Com o presente cupão termina o concurso deste ano.

A entrega das respostas deve ser feita, impreterìvelmente, até 31 de Dezembro corrente. Depois desta data não serão aceites mais respostas.

Os concorrentes, que tenham enviado todos os cupões e a totalidade das respostas certas, receberão até 15 de Janeiro p. f. o respectivo diploma, cujo número os habilitará ao sorteio dos prémios.

ESTATUTOS DA A. E. P.

Um bom amigo do nosso jornal, que deseja ficar no anonimato, correspondendo ao apelo feito no último número para que cada um dos prezados assinantes, que considerasse valiosa a nossa iniciativa de dar publicidade aos Estatutos, pagasse voluntàriamente o exemplar que lhe era enviado, teve a gentileza de nos informar que tomava inteiramente a seu cargo a despesa por nós feita, informando-nos ainda que reverteria a favor do jornal qualquer outra importância que para o mesmo fim nos fôsse remetida.

Profundamente sensibilizados agradecemos a este nosso amigo o valioso auxílio que nos proporciona.

• • o • •

Campanha para 1.000 novas assinaturas

A nossa campanha vai encontrando eco nos nossos estimados leitores que, a pouco e pouco, nos vão enviando novas assinaturas.

Durante o último mês recebemos as seguintes assinaturas:

Por intermédio do Sr. Mário Correia, os Srs. Carlos Garcia Creswell, Eduardo Pedro dos Santos Costa, Júlio Ferreira Portugal, Manuel dos Santos, Fernando A. da Silva Santos, Vítor Manuel Brás e Armando Gonçalves de Moura. Por intermédio do Sr. Luís Simões Simões Aurélio, os Srs. Eduardo de Almeida Trindade e Gustavo Moreira. Directamente, os Srs. Floriano Silvério Avelino, Dr. Gervásio Luso de Sousa Martins, Eduardo França Alves, João Armando Gomes Alves, António Castro Limpo Guerra, José Ferreira Cardoso, Fausto Sacadura, Amadeu Cândido Braga e Duarte de Oliveira e Silva.

Aos novos assinantes e a seus proponentes apresentamos os melhores agradecimentos.

Registámos no último número 465 assinantes. Dois destes não mantiveram a assinatura, pelo que ficou em 463. Com mais 18 assinaturas, perfaz um total de 481 novos assinantes.

E tu prezado leitor, quando nos envias um novo assinante? A tua colaboração é indispensável para atingir o nosso alvo — **1.000 novas assinaturas.**

• • o • •

O aniversário do "Sempre Pronto"

Em 1 de Janeiro p. f. passa o 2.º aniversário do nosso jornal. Por esse motivo o próximo número do «Sempre Pronto» *será de edição especial e marcará o início duma nova fase na vida do jornal com a inclusão de novas secções.*

Em 11 de Janeiro realizar-se-á em Lisboa uma sessão solene na qual será orador o ilustre jornalista, e antigo escoteiro, Sr. Belo Redondo.

• • o • •

Á venda na nossa Redacção

Estatutos da Associação dos Escoteiros de Portugal

Em papel especial, 8 páginas, ao preço de, cada exemplar, Esc. 1$00.

O Escotismo e a Formação Cívica

De Charley del Marmol

Um opúsculo de 12 páginas, prefaciado pelo Tradutor.

1 exemplar	Esc.	1$00
1 dúzia	»	10$00
1 cento	»	60$00

Pedidos à Redacção